

## Mundo

NOVO GEORGE FLOYD  
Negro morre em abordagem policial

Polícia americana apela, no processo da vítima, que ausente: "Não consegue respirar"



# AJUDA DOS VIZINHOS

## Opositor atribui a Lula e Petro influência sobre Maduro para deixá-lo disputar pleito



**Oposição unida.**  
O principal candidato antichavista, Edmundo González, em seu apartamento em Caracas

O diplomata Edmundo González Urrutia, de 74 anos, confirmado no sábado passado como o representante da líder da oposição venezuelana, María Corina Machado, nas eleições de 28 de julho, afirmou em entrevista ao jornal espanhol El País, acreditar que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e seu homólogo colombiano, Gustavo Petro, influenciarão o presidente Nicolás Maduro para que ele não participe do pleito. afirmou, também, que teve contato com autoridades internacionais, principalmente do Brasil e Colômbia, que acompanham o assunto com "muito interesse e responsabilidade" e preparam um "plano de garantias" para o pleito — nas quais Maduro disputará um terceiro mandato — sem entrar em mais detalhes. Embora seja um homem discreto e se considere "moderado", González sabe que, como candidato das forças demo-

cráticas num momento político delicado para o país, aproximasse-se de uma zona de turbulência. Defensores do diálogo com o governo Maduro, Brasil e Colômbia buscam exercer influência sobre Caracas para garantir que o processo eleitoral siga dentro de regras democráticas, apesar da inabilitação sucessiva de opositores, a mais recente na quinta-feira.

### SUBSTITUTA IMPEDIDA

As articulações ganharam força neste mês, na esteira de um março marcado por tumultos durante a inscrição de candidatos nas eleições. A oposição, apesar da inabilitação sucessiva de opositores, a mais recente na quinta-feira.

madura de parte das sanções americanas contra o petróleo venezuelano, cujo levantamento estava condicionado à participação plena da oposição nas eleições, conforme o Acordo de Barbados, firmado entre as duas partes em outubro com participação brasileira. Em 10 de abril, Petro se reuniu com Maduro e depois com representantes da oposição em Caracas. Navista, ele disse que trabalharia pela "paz política" no país vizinho. Uma semana mais tarde, Lula foi a Bogotá para discutir, entre outras coisas, o cenário na Venezuela. Coincidência ou não, três dias depois veio o anúncio de que González representaria a oposição pela Plataforma Unitária Democrática (PUD), após seu registro ser aceito pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE). Na terça-feira, Lula aplaudiu o movimento da oposição por uma candidatura única.

— Na questão da Venezuela, está acontecendo uma coisa extraordinária: a oposição to-

dase reuniu, está lançando um candidato único. Vai ter eleições, eu acho que vai ter acompanhamento internacional, há interesse de muita gente de querer acompanhar. Se confirmasse, o Brasil participará [do processo]. A perspectiva é de que quando terminar as eleições, a gente volte a uma normalidade — disse Lula durante um café com jornalistas. González iniciou sua carreira como primeiro secretário da Embaixada da Venezuela nos EUA na década de 1970, e depois foi embaixador na Argentina entre 1991 e 1993 e na Argentina nos primeiros anos do governo de Hugo Chávez (1999-2013). No posto, trabalhou pela incorporação da Venezuela ao Mercosul, que se concretizou anos depois. Ser o centro de uma campanha presidencial é algo novo para ele e seu silêncio e discrição contrastam com a imagem de exaltado na TV estatal, nas estradas, aeroportos e redes sociais.

Pesquisas já colocaram o di-

plomata em primeiro lugar, com o apoio de María Corina, vencendo Maduro e outras opções com ampla margem. Segundo ele, a líder da oposição foi uma "figura fundamental" para promover seu nome internamente, embora classifique a articulação como um "esforço conjunto". O diplomata reconhece a importância da política para a realização — Ela [María Corina] é a líder de todo esse processo. Em 22 de outubro, milhões de venezuelanos votaram [nas primárias]: é um mandato — disse ao El País. — Se houve dúvida ou desconflância em relação à candidatura de María Corina, ela lidou com isso de forma inteligente (...) e ninguém contesta sua liderança.

### RESISTÊNCIA DE ROSALES

Mesmo impedida de concorrer a cargos públicos por 15 anos pela Justiça, até as vésperas do registro de candidaturas, acreditou-se que María Corina não abdicaria da sua posição por outro nome. Quando

Yoris foi barrada, a PUD registrou provisoriamente o nome de González, que seria substituído por um nome aprovado unanimemente pelas partidas da oposição durante uma janela de alterações permitida pelo órgão eleitoral.

Mas obter consenso seria um desafio depois de a confusão nos registros de candidaturas elevar as tensões internas. Além do diplomata, o partido Um Novo Tiempo (UNT), membro da aliança opositora, inscreveu um segundo candidato nos últimos minutos: o governador do estado de Zulia, Manuel Rosales, que perdeu as eleições em 2006 contra Chávez. O movimento foi classificado como "tração" por María Corina, que chegou a declarar que "o regime escolheu seus candidatos". No entanto, com a abertura do período para substituir os nomes nas cédulas, Rosales desistiu da candidatura, alegando que "o futuro da Venezuela tem que vir em primeiro lugar".

### ACENOS AO CHAVISMO

Segundo González, ele não esperava "de jeito nenhum" que se tornaria de fato o rival de Maduro nas eleições quando foi registrado provisoriamente. Na entrevista, ele se mostrou confiante de que sua candidatura seguirá até o fim.

— Eles já teriam feito isso [inabilitado a candidatura]. Se quisessem nos tirar do jogo, esta era a oportunidade perfeita e não o fizeram. Olhando para o futuro, o principal rival de Maduro nas eleições será "realista" em relação ao "desafio imenso" à sua frente. Com discurso conciliador, ele não se esquiva de dialogar com o presidente para promover o "entendimento entre todos os venezuelanos" e espera buscar "caminhos de entendimento com as Forças Armadas", alinhadas ao chavismo, em caso de vitória. E não afasta a possibilidade de conceder anistia aos chavistas.

— Será necessário fazer tudo o que for preciso para reconciliar o país, deixar para trás o conflito, atenuar o ânimo de conflito. Para isso, é necessário visio.

Com El País

# Blinken cobra que China atue em conflitos, e também é advertido

Ucrânia e Gaza seriam áreas mencionadas; Pequim alerta para pendências

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, cobrou uma participação mais ativa da China na redução de intensidade dos conflitos na Ucrânia e no Oriente Médio ontem, quando se encontrou com o presidente chinês, Xi Jinping, e o chefe da diplomacia do país, Wang Yi, em Pequim. Em contrapartida, Blinken foi advertido sobre avanços americanos contra interesses de Pequim e que os dois países têm muitos interesses em comum.

Os chefes da diplomacia de Washington e Pequim trataram de temas sensíveis da relação entre os dois países, bem como de outros assuntos. A Wang, Blinken cobrou que a China exerça seu papel no Oriente Médio — convulsionado há mais de seis meses pelo conflito entre Israel e o grupo terrorista Hamas — por meio de sua relação com o Irã.

— Penso que as relações que a China tem podem ser positivas na tentativa de acalmar as tensões, prevenir a escalada, evitar a propagação do conflito — disse Blinken a jornalistas, ao fim da reunião.

O secretário de Estado também disse que demonstrou a preocupação de Washington com o apoio chinês à Rússia no conflito com a Ucrânia. Oficialmente, Pequim nega apoiar o esforço de guerra russo, mas os EUA acusam o país de ajudar Moscou por meio de incentivos econômicos e envio de componentes militares.

— A Rússia sofrerá para manter a invasão na Ucrânia sem o apoio da China — disse Blinken aos repórteres.

**"FATORES NEGATIVOS"**  
As relações entre EUA e China degradaram-se para um nível preocupante nos últimos anos. Os países cortaram comunicações militares em alto nível e se engajaram em uma guerra comercial. A viagem de Blinken à Ásia tem o objetivo de avançar em alguns temas



Relação tensa. Blinken cumprimenta Xi no Grande Salão de Povo em Pequim

menores e pragmáticos e manter um contato ativo, mesmo que uma série de questões estratégicas sigam como um impasse, incluindo políticas comerciais e conflitos territoriais no Mar do Sul da China e em relação a Taiwan.

O ministro chinês foi claro ao advertir Blinken de que, embora reconheça que a relação entre os dois países esteja começando a se estabilizar, "fatores negativos" continuam a surgir, e que qualquer tentativa americana de se opor a in-

teresses considerados legítimos por Pequim poderia levar a uma "espiral descendente".

O chanceler chinês também advertiu os EUA a "não pisarem nas linhas vermelhas da China relativas a soberania, segurança e interesses de desenvolvimento".

### "PARCEIROS, NÃO RIVAIS"

Blinken teve um encontro mais breve com o presidente Xi Jinping, que disse que Pequim e Washington deveriam ser "parceiros, não rivais", afirmando que os dois países registraram "alguns progressos positivos" desde que ele se reuniu com o presidente americano, Joe Biden, no fim do ano passado.

— Muitos problemas que precisam ser resolvidos [sistema] e ainda há espaço para esforços adicionais — declarou o líder chinês. — A Terra é grande o suficiente para abrigar o desenvolvimento comum e a prosperidade da China e dos Estados Unidos.